

## LIBERDADE E MÍSTICA EM THOREAU: ATO POLÍTICO

### LIBERTY AND MYSTICS IN THOREAU: A POLITICAL ACT

*José Altran<sup>1</sup>*

**Resumo:** Mesmo sendo reconhecida influência para figuras e movimentos importantes dos últimos dois séculos, desde anarquistas a ambientalistas, a filosofia de Henry David Thoreau ainda é pouco estudada academicamente, quando não reduzida a caricaturas equívocas e superficiais. Apresentamos neste artigo, em contornos gerais, a pertinência de seu pensamento para os estudos da religião: o que o ermitão de Concord propõe através de seus livros, ensaios, poemas e diários é uma perspectiva de autonomia desobediente diante dos imperativos do Estado, oriunda de uma ascese mística que toma palco na natureza. O cidadão é livre à medida em que, iniciado pelo sagrado dos bosques, assume sua autenticidade e zela por uma vida de simplificação material e simbólica, alforriando-se das instituições que extraem da dependência social o seu poder. Não perdendo de vista a singularidade do *ethos* americano oitocentista e das condições históricas em que viveu, sugerimos que seu legado percorre a inconsciência dos dias de hoje, impelido pela liberdade e desobediência que brotam do enlevo agraciado nas matas e culminam na ação.

**Palavras-chave:** Thoreau; liberdade; mística; desobediência

**Abstract:** Even recognized as an influence on important figures and movements of the last two centuries - from anarchists to environmentalists -, the philosophy of Henry David Thoreau is still broadly unknown academically, if not reduced to equivocal and superficial caricatures. In this article, we point the pertinence of his thought to the studies of religion: what the hermit of Concord proposes through his books, essays, poems and diaries is a disobedient autonomy against the imperatives of the State, following a mystical transformation that takes place in nature. The citizen is free to the extent that, initiated by the sacred within the woods, assumes his authenticity and watches over a life of material and symbolic simplification, freeing himself from the institutions that extract his power from social dependence. Keeping in mind the uniqueness of the nineteenth-century American *ethos* and the historical conditions in which he lived, we suggest that his legacy traverses the unconsciousness of today, driven by the freedom and disobedience that spring from the grace of the woods and culminate in action.

**Keywords:** Thoreau; liberty; mystics; disobedience

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência da Religião (PUC-SP), graduando em Filosofia (USP), membro do Núcleo de Pesquisa em Mística e Santidade (PUC-SP) e do Grupo de Estudos Thoreauviano (Unisinos). [altran@gmail.com](mailto:altran@gmail.com)

## Introdução

Ao passo em que epistemologias pós-coloniais surgem propondo frear cargas eurocêntricas que carregamos latentes em nosso fazer acadêmico, ou que filosofias da libertação evidenciem a hegemonia epistêmica que conduziu a intelectualidade desde seus primórdios, Thoreau figura como o rebelde místico do “momento pré-filosófico da cultura americana [...] que ocorreu antes das tradições filosóficas alemã e inglesas passarem a se opor uma à outra” (CAVELL, 1992, p. xiii-xiv)\*<sup>2</sup>. Preparando o solo para o advento do pragmatismo e da filosofia americana que se desenvolveria no século seguinte, estava o transcendentalismo estadunidense: e o transcendentalismo brotou também de um solo fendido pela cultura americana, que desde o século anterior afirmava sua singularidade. O romantismo europeu e a ode à eficiência do século XIX fariam Ralph Waldo Emerson, figura central do movimento, muni-lo de “uma mística essencialmente americana” (ARNS, 1966, p. 41): a dimensão teórica se aproximaria da experiencial, e a subjetividade ao pragmatismo - ângulo pelo qual pretendemos estudar Henry David Thoreau (1817-1862), discípulo e “best friend” de Emerson<sup>3</sup> (CAIN, 2000, p. 17)\*. Enquanto este binômio originário legou marcas indelévels à subjetividade dos pensadores de Concord, aquela rebelião criativa elogiando a autenticidade do homem e o sagrado da natureza não encontrou melhor expoente crítico que o ermitão dos bosques: seus ataques à frivolidade do concidadão - que troca virtude por conformidade - e à imoralidade nacional são emblemáticos<sup>4</sup>. Se o pós-guerra novecentista<sup>5</sup> não foi capaz de imprimir o protagonismo dos Estados Unidos em nossa filosofia, certamente o fez na cultura ocidental das décadas seguintes.

Apesar da relevância histórica e atualidade, o pensamento thoreauviano passa consideravelmente marginalizado nas universidades de filosofia e ciências até mesmo nos Estados Unidos<sup>6</sup>, talvez devido à rebeldia estilística e metodológica do autor. Em *The Senses of*

<sup>2</sup> Traduções livres nossas, do inglês para o português, estão indicadas com um asterisco (\*) após a referência.

<sup>3</sup> Esta citação é irônica. A amizade entre ambos foi permeada por admiração mútua, mas também marcada por episódios de cobranças e enfrentamentos. O livro *Emerson & Thoreau – Figures of Friendship* (editado por John Lysaker e William Rossi, 2010), discute a relação conflituosa entre os dois, mas esta questão não cabe aqui. Com esta citação queremos apenas nos referir à proximidade de ambos e sua influência.

<sup>4</sup> Por exemplo: “Mas uma centena de milhares de mercadores e fazendeiros aqui, que estão mais interessados em comércio e agricultura do que estão interessados na humanidade, não estão preparados para fazer justiça ao escravo e ao México, custe o que custar. (...) que, estimando a si mesmos como filhos de Washington e Franklin, se sentam com suas mãos nos bolsos (...) e em silêncio lêem (no jornal) as tabelas de preços junto com as últimas notícias do México, após o jantar, e, assim sendo, caem de sono sobre ambas. (MYERSON, 2000, p. 554)\*”

<sup>5</sup> Nos referimos, de modo geral, à Guerra Fria e à propagação da cultura americana ao redor do mundo.

<sup>6</sup> Ele é, porém, tido como um dos maiores ícones da literatura estadunidense.

*Walden* (1972) Stanley Cavell, professor emérito de Harvard, procura revelar Thoreau como filósofo legítimo e seminal<sup>7</sup>. Notável para a história da filosofia é a influência do pensamento concordiano sobre Friedrich Nietzsche: de epígrafes de Emerson em obras importantes a notas de leituras ou declarações de débito especialmente pessoais por parte do alemão, nota-se o alcance do transcendentalismo já no século XIX: o nietzscheano Hermann Hummel declara que "muitos dos trechos de Emerson pareceram tão familiares à primeira vista, que a questão de sua influência sobre Nietzsche se tornou crucial" (HUMMEL, 1946, p. 63)\*, enquanto Paul Standish qualifica passagens provocativas de Thoreau como "proto-Nietzscheanas" (STANDISH, 2006, p. 149)\*<sup>8</sup>. Investiga-se, também, a influência da Renascença Americana para a filosofia de Henri Bergson, não apenas devido ao provável contato entre alguns destes atores, mas também pela convergência que os americanos fizeram entre mística e ação, semelhante ao que veríamos em *As duas fontes da moral e da religião* (1932), última obra do francês: a *atitude transcendentalista* (MYERSON, 2000) do herói emersoniano sob a égide da desobediência thoreauviana (THOREAU, 2015) parecem corresponder ao movimento de abertura da sociedade e de dinamização da religião receitado pelo bergsonismo.

Essas conexões apontam que, se o mundo contemporâneo ocidental não se percebe diretamente influenciado por Thoreau, o está indiretamente: alguns temas que foram centrais para ele no século XIX, são para nós agora no século XXI, como a rejeição à representatividade política, o ambientalismo e a religiosidade individual. Conscientizar-se desse legado intelectual é pertinente para compreender o século passado e anatomizar as crenças e urgências do atual. Em julho de 2017 deu-se o bicentenário de Thoreau, e com ele uma série de saraus, encontros de ativistas e eventos acadêmicos passaram a despontar em sua homenagem; inclusive – e finalmente – no Brasil<sup>9</sup>, o que torna este momento ideal para sua investigação acadêmica.

Embora nunca possamos perder de vista a dimensão histórica de sua obra – seja o impulso do idealismo alemão, de ídolos literários, do *ethos* americano e de sua constituição – acreditamos que resgatar Thoreau sob a chave da liberdade e da mística o traz para nosso século talvez até com maior relevância do que diante das “prisões” ainda incipientes em sua época.

<sup>7</sup> Parte de sua estratégia deriva da demonstração de que o transcendentalismo americano teve bases na filosofia transcendental de Kant.

<sup>8</sup> Não poucas pesquisas foram dedicadas a essa questão. Alguns exemplos são os livros *Nietzsche and Emerson - an elective affinity* (1993) de George J. Stack, e *The Romance of Individualism in Emerson & Nietzsche* (2003) de David Mikics.

<sup>9</sup> Além do *Colóquio Internacional IHU – Caminhando e Desobedecendo*, ocorrido em agosto na Unisinos, foi criado também o *Grupo de Estudos Thoreauvianos*, primeiro no Brasil.

Afinal, pode-se dizer que seu apelo à simplificação está rendido: hoje, mais do que nunca, a subjetividade é domesticada através de um consumismo identitário, as religiões viram produtos de grife ou crachás de ingresso social, e a própria revolta contra a política se institucionaliza para parecer legitimamente política. O homem, que hoje se entende mais *zoon politikon*, ora se põe bélico e dicotômico, ora abraça um ceticismo resignado ou apocalíptico, ou então anseia esperançoso uma alforria das instituições políticas e religiosas em busca de uma liberdade que parece só restar longe da sociedade e das designações. Tantos dos comentários críticos à política e à religião que vemos hoje nas diversas mídias saltam aos olhos do pesquisador como se fossem epígrafes a Thoreau. Isso posto, procuraremos mostrar, neste artigo, como liberdade e mística se associam em seu pensamento, culminando na ação política sob a chave da natureza.

## 1. Liberdade

A liberdade é um conceito fundante no pensamento thoreauviano, não apenas em sua dimensão ética-política, mas também em sua dimensão existencial-mística; mas é necessário ensaiarmos uma breve sistematização da concepção que Thoreau lança sobre a liberdade ao longo dos escritos, espalhada e codificada em tons ora poéticos, ora irônicos e imperativos. Afinal, tende-se a entender o concordiano, de antemão, como um rebelde antissocial anárquico e contrário à religiosidade - o que não é uma correspondência real.

A visão política implícita nos textos de Thoreau é a de que a liberdade pessoal é conquistada a partir de um processo íntimo de não-dependência daquilo que a sociedade, como uma quimera construtora de valores e mandamentos, preconiza como moral e necessário. Esta autonomia confere ao indivíduo uma liberdade diante do Estado que, embora não seja “cedida” por ele, encontra na desobediência civil sua forma de expressão e ação. É evidente que um governo autoritário procurará mitigar esta liberdade por meios coercitivos, mas estará enfraquecida em sua legitimidade e poder simbólico. A via thoreauviana cria alternativa às diversas perspectivas políticas atuais que, grosso modo, acabam situadas em um dualismo entre um Estado mínimo e um Estado centralizador: enquanto, por um “terceiro lado”, o anarquismo quer combater o Estado, Thoreau pretende apenas reconfigurar a subjetividade do cidadão diante

do Estado, minando assim o seu poder, sem eliminá-lo. O problema da filosofia política de Thoreau não é precisamente o Estado, mas - pode-se dizer -, a soberania<sup>10</sup>.

Apesar de ter sido consagrado como referência para diversos movimentos anarquistas<sup>11</sup>, as primeiras linhas do ensaio *A Desobediência Civil* (1849)<sup>12</sup>, já deslocam Thoreau para bem longe daquele adjetivo: “O melhor governo é o que menos governa [...] O melhor governo é o que absolutamente não governa” (THOREAU, 2012, p. 07). Apesar de toda a ferocidade de sua escrita, o concordiano não clama, portanto, pela inexistência do Estado – apenas pede que ele faça pouco ou nenhum ruído. Uma pergunta se impõe: se não é anarquista, mas quer reduzir o alcance do Estado, seria Thoreau, portanto, um liberal? A resposta não é tão simples. Ela depende da proximidade desta hipotética sociedade liberal com o capitalismo, pois “os que se batem pela mais pura justiça, e conseqüentemente são mais perigosos para um Estado corrupto, não costumam dedicar muito tempo a acumular propriedades” (THOREAU, 2012, p. 21). Para enfrentarmos esta questão, é necessário percorrermos *Walden*, sobretudo trechos provocativos do capítulo “Economia”, onde encontramos diversas críticas ao consumismo:

Os homens têm uma vaga noção de que, se mantiverem essa atividade de pás, picaretas e capitais empresariais por tempo suficiente, algum dia todos irão a algum lugar quase instantaneamente e por uma ninharia; mas [...] quando a fumaça se dissipar e o vapor se condensar, perceberão que poucos subiram e os restantes foram atropelados [...] Sem dúvida, quem tiver dinheiro para a passagem finalmente poderá viajar, isto é, se estiver vivo até lá, mas provavelmente já terá perdido a elasticidade e a vontade de viajar. (THOREAU, 2015, p. 62)

O apelo que Thoreau faz à simplicidade, que culminará na mística, desemboca em uma severa crítica à dimensão material e competitiva do capitalismo, posto que abre caminho para desigualdades, gerando profunda inconsciência, desperdício, e *pobreza espiritual*: “A riqueza do homem é proporcional à quantidade de coisas de que pode abrir mão” (THOREAU, 2012, p. 40).

<sup>10</sup> O poder imperativo do qual o Estado se vê munido, e contra o qual o cidadão não pode se opor.

<sup>11</sup> Conforme exaustivamente lembrado por biógrafos, movimentos de desobediência não-violenta do século XX também conferem grande débito a Thoreau. Tolstói, Gandhi e Martin Luther King declararam sua profunda admiração pelo pensador, sobretudo por seus ensaios políticos e, ainda mais, pela figura de homem de ação e não apenas de palavras: “não há dúvidas de que Gandhi carrega profunda dívida com *aquele Thoreau* que desafiou a sociedade e o governo para seguir sua consciência” (HENDRICK, 1956, p. 471 – grifo nosso)\*. A lista de figuras influenciadas pelo seu ensaio sobre a desobediência também inclui: “a anarquista Emma Goldman, o educador inglês Henry Salt, o ativista e filósofo austríaco-judeu Martin Buber, o pacifista americano Ammon Hennacy, guerrilheiros anônimos da resistência dinamarquesa à invasão nazista, o diretor do World Fellowship Center Williard Uphaus, o fundador do African National Congress Trevor N. W. Bush, o Freedom Rider William Mahoney, e alguns notórios resistentes fiscais contemporâneos como Errol Hess e Randy Kehler.” (CAIN, 2000, p. 153)\*

<sup>12</sup> Originalmente *Resistência ao Governo Civil*, a obra ganhou o novo título em uma reedição póstuma (1866).

Grosso modo, talvez o concordiano poderia até ser entendido como um *liberal anticapitalista*<sup>13</sup>, mas a própria possibilidade de existência de uma sociedade com Estado mínimo que não culmine em necessidades de competição, a princípio, apenas seria possível sob a égide de uma vida simples e quase estóica que, para o transcendentalismo, harmoniza o homem. Neste ponto, Thoreau rejeita frontalmente o estado de natureza hobbesiano: não porque o homem ordeiro seja necessariamente *santo*, mas porque o homem (verdadeiramente) livre o é. Os males que enxerga nos homens liberais são – acredita – oriundos de uma falsa liberdade. Sendo um defensor da liberdade, também é evidente que Thoreau seja contrário a qualquer regime autoritário ou totalitário. O comunismo e Estados de bem-estar social também são vistos com desconfiança, já que prevê censuras e males inescapáveis em qualquer coletividade reificadora que não coloque a individualidade como prioridade. Por esse motivo, Thoreau também se distancia do estado de natureza rousseauiano, pois, por mais que concorde que o ser humano seja bom em essência, estaria corrompido em um cenário onde o todo há de decidir racionalmente pelo bem geral, e não o indivíduo pelo seu próprio bem.

Eis o impasse que o concordiano enfrenta de forma bastante singular na história da filosofia: o homem em natureza é bom, mas ao dissolver sua identidade em uma coletividade, estará corrompido; por outro lado, o homem com direito à individualidade, que faz dessa liberdade uma competição, também estará corrompido. A única possibilidade de vida política livre envolveria o direito à individualidade em um cenário sem competição, o que parece impossível para aqueles contratualistas<sup>14</sup>. Apenas restaria o isolamento, mas se o assumíssemos como a única saída, qualquer política estaria impossibilitada.

## 2. Natureza

Thoreau não casou ou teve filhos, elogiou a solidão, e de fato empregou boa parte de sua vida em caminhadas pelos bosques, acompanhado apenas pela flora e fauna; mas é muito importante, neste ponto, enfatizar que Thoreau - ao contrário do que o senso comum passou a

---

<sup>13</sup> A expressão soa duvidosa, mas tal configuração é tida por alguns como possível. Ver, por exemplo: <https://filosofiapublica.org/un-liberalismo-anticapitalista-ef22bdd56273> (acesso em 08/08/17).

<sup>14</sup> Ainda falaremos de Locke e resgataremos essa possibilidade adiante.

retratar - não rejeitou a civilização, nem mesmo ao viver na floresta<sup>15</sup>. Frequentemente ia à cidade, interagia com desconhecidos ou recebia amigos, conforme revela o capítulo “Visitas”:

Penso que gosto de convívio social tanto quanto a maioria das pessoas, e rapidamente grudo como sanguessuga em qualquer homem de sangue bom que me apareça pela frente. Não sou ermitão por natureza, e poderia muito bem me converter no mais convicto frequentador de bares, se meus assuntos me chamassem a isso. (THOREAU, 2015, p. 139)

Quando chamado de contraditório pelo fato de elogiar o isolamento, criticar ferozmente a sociedade, e ainda assim não ter aderido a um ascetismo absoluto como o dos místicos orientais, Thoreau está sendo interpretado de forma equivocada: o mal que se deve evitar não está inerente na sociedade ou nas pessoas, mas no sobressalente e no artificial que pode se apresentar através delas, *trajado de essencial ou necessário*. Às margens do lago, americano que era, quis *experimentar* uma rotina *pragmática* alheia à cidade, longe de seu jugo e de sua receita: dessa forma, pôde ver melhor tanto as enfermidades dos homens civilizados, quanto as panacéias das plantas e dos animais. Declara o pensador, em uma de suas citações mais conhecidas: “Fui para a mata porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os  *fatos essenciais da vida* e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tinha vivido” (THOREAU, 2015, p. 95 – grifo nosso). Um eremita distingue o supérfluo do vital – e, no plano metafísico, o contingente do necessário; o isolamento thoreauviano é terapêutico ou iniciático, e não desdém ou resignação; é fora da vida civilizada – na vida selvagem – que do poderio quimérico da sociedade e de seus mandamentos se pode esquivar. Isso porque, sozinho e longe da cidade, o sujeito desenvolve sua autossuficiência para sobreviver; sem aquele organismo coletivo que lhe providenciava confortos materiais (temperos, gravatas, veículos) e simbólicos (títulos, moda, cargos), deixa de usufruir dessas benesses; então percebe que, ainda assim, vive – e melhor. Vê que esteve tomando o trivial por essencial: “não só a maioria dos luxos e muitos dos ditos confortos da vida não são indispensáveis, como são francos obstáculos à elevação da humanidade” (THOREAU, 2015, p. 27).

A filosofia da simplificação thoreauviana busca passar uma navalha rente aos hábitos e às crenças para deixar no homem e no mundo apenas aquilo que sempre ali esteve e sempre estará,

---

<sup>15</sup> Como era tão importante experimentar a teoria quanto teorizar a experiência, Thoreau construiu à mão uma pequena cabine às margens do Lago Walden, em um terreno pertencente a Emerson, onde viveria em meio à natureza por dois anos, dois meses e dois dias, a partir de um irônico 4 de julho, em 1845. Neste período escreveu seu primeiro livro e os pensamentos que formariam sua principal obra, *Walden* (1854). Junto com diversos ensaios, poesias e seu diário, estes textos estruturariam o *corpus thoreauviano*.

pois “nossa vida se perde no detalhe” (THOREAU, 2015, p. 96). Extremamente ativo, trabalhador e prático, se recusou a seguir uma vida de empregado ou empregador nos moldes convencionais porque a moeda que lhe interessava era *o tempo*: “o custo de uma coisa é a quantidade do que chamo de vida que é preciso dar em troca, à vista ou a prazo” (THOREAU, 2015, p. 42).

Com efeito, em seu espírito, a liberdade é o verdadeiro capital. É através dela que o homem descobre sua autenticidade e suficiência, ao passo em que é a partir da pretensa imprescindibilidade do Estado para nossa existência que este exerce seu poder. Libertado das intimidadoras amarras da dependência material e da credibilidade social anunciadas pela sociedade, somente a força poderia privá-lo de sua liberdade política. Em outras palavras, o projeto thoreauviano não é uma tentativa de destruir a coletividade: seu projeto visa curar os males interiores (como a competitividade e o medo da insuficiência) pelo isolamento da sociedade (que se dá na natureza), atingindo a consciência da verdadeira lei (mística da natureza) e então retornar com o remédio (virtude e liberdade pessoal), que se transforma em poder político (a desobediência)<sup>16</sup> em prol de um mundo justo (ética).

### 3. Mística

Deduzimos daí que, em termos de política, a receita de Thoreau também não é o abandono da sociedade. O que resta? Como dissemos a princípio, pode-se desfrutar do Estado de maneira instrumental, desde que apenas tangencie a vida íntima do homem, sem tomar-lhe a individualidade - a competição que espreita os governos liberais continua sendo o problema. A propriedade lockeana prevê um limite ao excedente produzido-possuído, e portanto pareceria o caminho para uma espécie de liberalismo sem traços consumistas e competitivos. Contudo, onde os cidadãos urbanos do século XXI encontrariam um “trabalho” que já não é propriedade, para transformar em *sua* propriedade? A lei de natureza que Locke postula como ordem carente de executores, e que por isso demanda juízes racionais, se opõe à thoreauviana: se “o estado de natureza tem uma lei de natureza para governa-lo, que a todos obriga; e a razão, que é essa lei,

---

<sup>16</sup> Desobedecer também é uma exigência da simplicidade, já que a sociedade receita ao sujeito um denominador homogêneo de aparências a anexar à sua idoneidade, que são meros sobrepesos à nossa autenticidade: “a opinião pública é um fraco tirano comparada à nossa opinião sobre nós mesmos” (THOREAU, 2010, p. 21).

ensina a todos os homens que tão-só a consultem” (LOCKE, 1978, p. 36), temos de desobedecê-la quando não concordarmos com a sentença do juiz. Há somente um pilar normativo – ou melhor, regulador - que poderia ser, ao mesmo tempo, *bom e soberano*, e, ao contrário da lei lockeana, *executor*: a própria natureza. Bergson já sinalizava essa equivalência ao contestar os imperativos categóricos das sociedades fechadas:

Uma coisa, diz este, é a lei que constata, outra, a lei que ordena. À segunda podemos subtrair-nos; obriga, mas não torna necessário. A primeira é, pelo contrário, inelutável, porque se algum facto se afastasse dela, seria erroneamente que a teríamos tomado por uma lei. (BERGSON, 2005, p. 25)

A natureza tem leis, o Estado tem mandamentos; as leis estão no registro do sagrado, e os mandamentos, no registro do profano. Para o francês, não é precisamente o Estado que corrompe as sociedades e as conduzem à corrupção e à injustiça, mas os mandamentos; seus autores os retratam como leis, e assim são tomados pelo povo como necessários, até que seja absorvido pela regência do hábito. Porém, por mais coercitivo que seja o mandamento, ele é arbitrário e, portanto, passível de desobediência. Apenas a natureza apresenta leis em seu sentido real, pois atuam inexoravelmente, e sequer dependem de entidades fiscalizadoras ou de um executor que não ela própria. Eis aqui sua mística, regida por uma instância imanente, mas unívoca e absoluta. A própria *physis* funciona como um agente regulador perene e não coercitivo: na natureza se é livre na medida em que qualquer criatura poderia ser livre, tendo como limite apenas suas leis (a gravidade, o sono, a chuva, a fome de um predador).

Este é o “governo” ao qual Thoreau aceita se submeter, pois é eficaz e sem corrupção; para a vida simplificada, não é necessário um ecossistema artificial criado pelo homem, embora seja desejável vez ou outra dele desfrutar; o passaporte entre as fronteiras é a consciência de nossas necessidades; basta apenas que o indivíduo não submeta sua liberdade àquela soberania mais tentadora. Thoreau defende a desobediência como um “não”: uma postura reativa, de recusa a certas determinações, e não necessariamente propositiva ou militante. Afinal, liberdade há de ser mais que um passaporte ou um aval governamental. É por ir até alturas existencialistas que Thoreau concebe a liberdade dessa forma visceral, fazendo da liberdade uma alforria vitalícia de desobediência: “De que adianta nascer livre e não viver em liberdade? Qual é o valor de qualquer liberdade política se não for um meio para a liberdade moral? A liberdade de que nos vangloriamos é a liberdade de ser escravos ou a liberdade de ser de fato livres?” (THOREAU, 2012, p. 146).

A mística da natureza, em Thoreau, evoca a liberdade real, e é através desta liberdade que se pode agir politicamente. O concordiano tinha muito apreço pelos indígenas, pela sua cultura de sacralização da natureza, e por sua vida sem acúmulos: “a queda do agricultor para o operário é tão grande e memorável quanto a queda do homem para o agricultor” (THOREAU, 2015, p. 71). O que a sociedade vê por preguiça no modo de vida do índio, o filósofo via como sabedoria: “a vida rural que ele idealiza permite que o homem sustente a família enquanto passa seu tempo com ela. [...] ‘conforto’ associado não com o acúmulo de excedentes de renda ou produtos, mas com subsistência fácil” (CAIN, 2000, p. 68-69)\*. Mas devemos dizer que, embora tenha defendido índios mexicanos, escravos e outros oprimidos em seus fervorosos ensaios políticos, Thoreau estava defendendo a liberdade, e não indivíduos ou raças. Robert Sayre acusa Thoreau de estar simplesmente enfeitiçado pela romantização do selvagem, característica de meados do século XIX<sup>17</sup> (SAYRE, 1977, p. 35), pois o próprio elogio thoreauviano à sabedoria indígena “começa com a generalização de mais de 2000 culturas e nações indígenas diversas a um único estereótipo: o índio” (CAIN, 2000, p. 79)\*. Seja seu lamento uma projeção egoísta de liberdade ou uma empatia, não importa: para nossa investigação importa que, nas pequenas comunidades tribais, há uma espécie de Estado mínimo e não competitivo<sup>18</sup>.

O místico thoreauviano preconiza a experiência e a liberdade ao mandamento porque a religião não deixa de ser, para o concordiano, uma instituição cuja receita arbitrária quer se passar por lei e é, portanto, corruptora. Certa feita, se recusou a pagar um imposto destinado ao sustento do sacerdote de uma igreja que nunca frequentou, e só não foi preso porque escreveu e entregou ao escrivão municipal uma carta, que dizia: “Saibam todos, pela presente, que eu, Henry Thoreau, não desejo ser visto como membro de nenhuma sociedade constituída à qual não tenha me associado” (THOREAU, 2012, p. 24). A Igreja exerce seu poder sob o discurso de que, mesmo mediada por homens, é uma instrução divina, e portanto todos os cidadãos de bem devem a ela se alinhar; mas Thoreau é místico e não religioso, posto que considera não precisar de mediação diante o sagrado (que está logo ali atrás das casas), sequer de tradutor para suas instruções (pois a natureza fala diretamente ao bom observador); e também não é um “escolhido”, porque a

<sup>17</sup> Podemos levantar José de Alencar como um exemplo brasileiro de entusiasta indigenista, na mesma época.

<sup>18</sup> Os primeiros 15 minutos da comédia “Os Deuses devem estar loucos” (1980) são interessantes para ilustrar com menos seriedade esta ideia. Na introdução do filme, os bosquímanos são comparados com os “homens civilizados” em vários aspectos de sua rotina, e acabam colocados como superiores em moral, paz, liberdade e felicidade.

natureza é graça abundante e disponível a qualquer um que simplesmente da civilização se alforriar.

Se entendermos uma sociedade mais próxima da tribal como a ideal para uma vida coletiva e feliz, basta investigarmos o ambientalismo do ermitão e perceberemos os contornos de uma ética tipicamente thoreauviana: "para Thoreau, *estado selvagem* mais frequentemente se refere à *disposição filosófica* de alguém que está preparado para a descrição visceral do fenômeno dentro da esfera de consciência" (MCKENZIE, 2006, p. 107)\*. Enquanto a lei é inelutável - sem a necessidade de juízes, de eleições ou de soberanos -, para Thoreau, está prenhe de uma guiança invisível: "existe na Natureza, segundo creio, um magnetismo sutil que, se nos submetermos inconscientemente a ele, há de nos conduzir com segurança" (THOREAU, 2012, p. 92). Eis aquilo que para ele é divino e inelutável. Em *Vida sem princípios* (1863), também diz:

Em ver de ler o *Times*, leiamos a Eternidade. Os convencionalismos, em última instância, são tão ruins quanto as impurezas. Até os fatos da ciência podem empoeirar a mente com sua secura, a menos que sejam, num certo sentido, apagados a cada manhã, ou antes tornados férteis pelo orvalho da verdade fresca e vívida. *O conhecimento não nos chega em detalhes, mas em lampejos da luz celeste.* (THOREAU, 2012, p. 145 – grifo nosso)

Basta percorrermos *Walden* ou seus ensaios mais existencialistas para flagrarmos as menções de Thoreau a essa espécie de guiança invisível, mas perene, de instruções pouco normativas e muito volitivas. No ensaio *Caminhar* (1862), o autor diz que a peregrinação contemplativa pelas matas, entregue à experiência, é uma das atividades espiritualmente mais elevadas que um homem pode praticar: é caminhando e vendo do alto as sociedades e suas instituições que percebemos sua pequenez, e entendemos a grandiosidade do presente e de nossas próprias pernas. Thoreau diz que ser um andarilho profissional é uma espécie de graça concedida por Deus, como se fosse necessário nascer na suposta guilda dos Andarilhos para desenvolver tal talento; chama essa classe de *saunterer*, cuja palavra remete aos peregrinos medievais que caminhavam sem nada em busca da Terra Santa.

Eis a ascese que Thoreau receita aos concidadãos da época, e que nos receita hoje, duzentos anos após seu nascimento: muito mais do que qualquer imperativo categórico de obediência nacional ou de moralismo religioso, o "governo" da natureza está detrás e além de nosso jogo civilizatório de mandamentos. Deitar entre as folhas e sentir os raios solares no cenho é a epifania desta divindade imanente que é a única autoridade que ainda resta em seu esplendor quando é passada a navalha da simplificação.

## Considerações finais

O que se depreende das páginas desviantes de Thoreau é um apelo à simplificação da vida, que culmina na autenticidade e na ação moral, peculiar pragmatismo que abre caminho à contemplação na natureza - berço onde sua concepção ética se origina. Neste ponto, o objeto cria relações com a filosofia da religião: na floresta é que se tem o contato místico liberto da instituição e do simbolismo, impelindo o sujeito à ação comunitária sob contornos políticos desviantes. A relação entre política e mística mediada pelo ideal thoreauviano de liberdade parece unir seu projeto filosófico em um todo literário que é, ao mesmo tempo, metodologicamente caótico, enquanto ética e pragmaticamente ordenado. Em Thoreau, a moral se funda em uma atitude desobediente e pessoal, posto que os males da civilização são sintomas de uma autenticidade confinada sob os escombros de uma cultura profanizada que não orchestra *eficiência* com *necessidade*. Libertado pela ascese das matas, o desobediente age politicamente em sua esfera de convívio – e, como diria Bergson, está na ação o estágio completo do misticismo, que não pode se limitar ao entendimento e à contemplação.

Trocando em miúdos, a relação entre política e mística presente na filosofia thoreauviana se dá da seguinte forma: estamos agrilhoados politicamente quando aceitamos a carga de necessidade que a sociedade põe nos bens que oferece, e a que coloca nos mandamentos civis que exige que obedeçamos; é na vida simplificada na natureza que esta influência material e psicológica é revelada como arbitrariedade e não necessidade; sem esse sobrepeso, naturalmente nos lançamos a uma vida contemplativa onde pode-se flagrar os desígnios realmente necessários, perenes e sagrados do mundo; há uma instrução mística nas matas, clara e coesa, que nos faz ver a civilização “de cima”; com essa consciência, ficamos imunes às tentações civilizatórias, desobedecendo quando necessário, e lembrando o concidadão – seja pelo discurso, ou pelos nossos atos – que ele próprio também tem direito à desobediência. A busca por liberdade individual leva à mística, e a mística impele à liberdade coletiva, fazendo política e ação a partir de sua inspiração, de sua aspiração e de sua respiração.

## Referências

- ARNS, Heriberto. O Pensamento Existencial de Henry David Thoreau. *Revista Letras*. Curitiba, v. 15, n., páginas 39-55, 1966.
- BERGSON, Henri. *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Coimbra: Almedina, 2005.
- BERLIN, Isaiah. *Quatro Ensaios sobre a Liberdade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Liberty*. New York: Oxford University Press, 2009.
- BODE, Carl (ed.). *The Portable Thoreau (série The Viking Portable Library)*. New York: Penguin Books, 1982.
- CAIN, William E. (ed.). *A Historical Guide to Henry David Thoreau*. New York: Oxford University Press, 2000.
- CAVELL, Stanley. *The Senses of Walden - An Expanded Edition*. San Francisco: University of Chicago Press, 1992.
- \_\_\_\_\_; HODGE, David Justin. *Emerson's Transcendental Etudes*. Stanford: Stanford University Press, 2003.
- CONSTANT, Benjamin. *Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos*. Versão pelo Departamento de História da UFMG (domínio público). 2011. Disponível em: [http://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/Constant\\_liberdade.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/Constant_liberdade.pdf) Acesso em 23/06/17.
- \_\_\_\_\_. *The Liberty of the Ancients Compared with that of Moderns*. The Online Library of Liberty (domínio público). 2011. Disponível em: <http://oll.libertyfund.org/title/2251> Acesso em 12/07/17.
- CRAMER, Jeffrey. *Henry D. Thoreau - Essays - A Fully Annotated Edition*. New Haven: Yale University Press, 2013.
- \_\_\_\_\_. *The Quotable Thoreau*. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- DREISER, Theodore. (presents) *The Living Thoughts of Thoreau*. New York: Premier Books, 1963.
- EMERSON, Ralph Waldo. *Essays*. Coradella Collegiate Bookshelf Editions, 2004. Disponível em: <http://collegebookshelf.net> Acesso em 10/07/17.
- GURA, Philip F. *American Transcendentalism - a History*. New York: Hill and Wang, 2008.
- HENDRICK, George. The Influence of Thoreau's "Civil Disobedience" on Gandhi's Satyagraha. *The New England Quarterly*. Vol. 29, No. 4, pp. 462-471, 1956.
- HUMMEL, Hermann. Emerson and Nietzsche. *The New England Quarterly*. Vol. 19, No. 1, pp. 63-84. Boston: 1946.

- LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MCKENZIE, Jonathan. *The Political Thought of Henry David Thoreau. Privatism and the Practice of Philosophy*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2006.
- MEDEIROS, Eduardo Vicentini de. *Thoreau: Moralidade em primeira pessoa*. Tese de doutorado em filosofia. UFRGS, 2015.
- MOLLER, Mary Elkins. *Thoreau in the Human Community*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1980.
- MYERSON, Joel. *Transcendentalism, A Reader*. New York: Oxford University Press, 2000.  
 \_\_\_\_\_ (ed.). *The Cambridge Companion to Henry David Thoreau*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- NIEDDU, Anna M.. Individuality: the Emersonian Background of the Bergson-James Controversy. *European Journal of Pragmatism and American Philosophy*, v. III-1, p.61-72, 2011.
- SAYRE, Robert F. *Thoreau and the American Indians*. Princeton: Princeton University Press, 1977.
- SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.  
 \_\_\_\_\_. *Liberdade antes do liberalismo*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- STANDISH, Paul. Uncommon schools: Stanley Cavell and the teaching of Walden. *Studies in Philosophy and Education*. v25: pp. 145–157, 2006.
- THOREAU, Henry David. *A Desobediência Civil*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.  
 \_\_\_\_\_. *A week on the Concord and Merrimack rivers*. New York: Penguin Classics, 1998.  
 \_\_\_\_\_. *The Writings of Henry David Thoreau in 20 Volumes (v.1-20)*. Boston: Houghton Mifflin Company, The Riverside Press, 1906.  
 \_\_\_\_\_. *Walden*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2015.  
 \_\_\_\_\_. *Walden: a fully annotated edition*. New Haven: Yale University Press, 2004.
- TURNER, Jack (ed.). *A Political Companion to Henry David Thoreau*. Lexington: University Press of Kentucky, 2014.